O NAUFRÁGIO DO NAVIO NEGREIRO E A MEMÓRIA COLETIVA DA FUNDAÇÃO DO QUILOMBO DA BARRA

Géssica Maria Silva São José
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-1189-650X
Endereço eletrônico: gessicamaria012@gmail.com

Cláudio Eduardo Félix dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0545-1102
Endereço eletrônico: claudio.felix@gmail.com

Palavras-chave: Quilombo da Barra; naufrágio do navio; memória coletiva; Rio de Contas.

INTRODUÇÃO

Resultado de pesquisa de dissertação de mestrado, o conteúdo desse resumo expandido é um recorte de nossa investigação acerca do trabalho educativo e da memória na conquista da titularidade do quilombo da Barra, localizado no município de Rio de Contas, Bahia. O objetivo do texto é discutir de que forma a memória integra o processo de construção de identidade e de organização coletiva de pertencimento a um território e cultura.

Para isso analisaremos uma memória compartilhada entre os quilombolas da Barra acerca do Naufrágio (ou encalhe) de um Navio Negreiro ocorrido num passado longínquo, como contam os moradores daquela localidade.

METODOLOGIA

Nosso percurso metodológico se deu a partir do conceito de memória coletiva/social em Halbwachs atentando ao fato de que a memória de comunidades tem elos de identificação, ligação e compartilhamento que dão certa unidade a determinadas experiências vivenciadas. Tomando em conta essa perspectiva, ao fazermos as entrevistas nos deparamos com uma

narrativa que tratava de uma intercorrência no transporte dos negros vindos de África no litoral de Itacaré em um passado distante (o encalhe ou naufrágio do navio negreiro). A partir desse fato contado buscamos compreender o sentido e o significado de tais falas considerando as contribuições de Walter Benjamin sobre a memória e a teoria da memória coletiva de Halbwachs. Nesse texto citamos o depoimento de uma liderança quilombola e os estudos de Capinam (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o testemunho de um de nossos entrevistados, o professor e liderança quilombola Carmo Joaquim,

> Os negros que fundaram esta comunidade chegaram aqui antes dos bandeirantes e dos garimpeiros. Havia um navio trazendo escravos da África, que encalhou no sul da Bahia, perto de onde hoje existe a cidade de Itacaré. Neste lugar, se desemboca o Rio das Contas. O pessoal aproveitou do encalhe e fugiu do navio em busca da liberdade. Isto aconteceu no século XVI ou XVII. O pessoal seguiu o trajeto do Rio das Contas até chegar nesta região. Então, os escravos fugidos formaram estas comunidades, escondidos nas montanhas da chapada, (Carmo Joaquim da Silva, depoimento oral concedido em 5 de abril, 2023).

Essa é a principal memória coletiva do quilombo em relação ao seu surgimento e ao surgimento dos outros dois quilombos vizinhos, Bananal e Riacho das Pedras. O que nos interessa fundamentalmente nessa referência dos moradores e seus antepassados é como essa narração, passada de geração em geração, contribui para o desenvolvimento da construção de concepções de mundo e de organização das lutas dessas pessoas. Na pesquisa em memória, "Não é a fidelidade de uma recordação, senão as modalidades com as quais se estrutura, o que converte num aspecto a considerar [...] o estudioso deve-se colocar em uma ótica interdisciplinar dado que a memória possui uma ampla multiplicidade de perspectivas". (Montespereli, 2004. 147).

Entendemos que essa evocação da memória é uma fonte motivadora de luta pelo território, pela liberdade e dignidade das comunidades quilombolas da região. Trata-se de um marco sócio-histórico da tradição da comunidade que remete a ideia de ancestrais e antepassados negros e negras fugidos de um Navio Negreiro há séculos e que não sofreram a

experiência do cativeiro do trabalho escravizado.

Portanto, na memória dos quilombolas da região de Rio de Contas. eles são herdeiros dos que legaram uma experiência de liberdade interrompida pela captura em África, mas que não tiveram a experiência do trabalho escravo, do açoite, da senzala, do pelourinho no Brasil.

Assim, a memória coletiva do Quilombo da Barra tem nesse mito fundador, digamos assim, uma referência que tem impulsionado a construção da especificidade, da identidade das várias gerações naquela região, bem como do desafio da constatação ou não da veracidade histórica.

Considerar uma narrativa heroica e de resistência como a do naufrágio ou encalhe do navio negreiro é da maior importância para compreender como a memória vai se construindo em meio a conflitos e consensos expresso nas várias formas de lutas sociais, dentre elas a luta de classes. De acordo com Benjamin:

> [...] a luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Apesar disso, essas últimas não podem ser representadas na luta de classes como despojos atribuídos ao vencedor. Elas vivem nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza e atuam retroativamente até os tempos mais remotos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores (Benjamin, 2016, p.243).

Portanto, a memória do Naufrágio do Navio Negreiro não se configura como mera narrativa ou invenção. Trata-se de um relato de memória de várias gerações que sustenta formas legítimas de construção do passado, de identidade, de resistências ao racismo e de pertencimento dessas pessoas a essa comunidade.

A memória do naufrágio estabelece uma ligação direta com África e posteriormente com a resistência à escravidão. Ela constrói uma compreensão de rebeldia de uma comunidade quilombola cuja particularidade tem no fato de que os africanos que vieram para Rio de Contas chegaram como homens e mulheres sequestrados de seu território, mas no Brasil não foram escravizados. *"Os seus antepassados não teriam sido subjugados à vala comum e impessoal de uma senzala"* (Capinam, 2009, p. 46).

A construção de concepções de mundo, consciência de si, de humanidade, de pertencimento a uma cultura, a uma etnia se processam por meio de experiências mediadas

pelas condições histórico-sociais que, em nossa realidade, está saturada de contradições e mediações produzidas no interior de relações sociais diversas marcadas, sobretudo, pela exploração, pela dominação e opressão.

O processo de reconhecimento do quilombo de Barra como território de identidade quilombola atravessou vários momentos. A memória do Naufrágio do Navio Negreiro traz conexões importantes para a construção da história e da memória desses descendentes como negros que não se submeteram à escravidão e conseguiram, por meio da fuga e do combate, construir uma comunidade de pessoas livres do trabalho escravo.

Outro fato de impacto na vida e na memória dos quilombolas foi a construção da barragem que foi tanto uma situação dramática para os que foram atingidos, mas que, contraditoriamente, foi o ponto de partida para o processo de reconhecimento estatal do quilombo remanescente que antes se identificava como comunidade de negros.

Nesse sentido, a luta de lideranças, de educadores e de moradores da comunidade do Quilombo da Barra demonstram o esforço por se ter garantido um direito. Uma condição de possibilidade de existência de sobrevivência material e espiritual/intelectual de uma comunidade.

CONCLUSÕES

A memória, a cultura e a educação foram elementos importantes para a organização coletiva e a produção de subjetividades que potencializam a existência dos indivíduos e da coletividade negra em uma região na qual o conflito fundiário e os interesses dos capitalistas agrários, seja no cultivo da terra ou na extração dos minerais, fomentaram o racismo e com ele a vergonha em assumir sua cor, sua cultura, suas experiências.

Essa luta secular contra a opressão e a exploração e que, em meados do século XX, ganhou contornos organizativos e de valorização do ser negro e negra no Brasil fez emergir movimentos, organizações que impulsionaram a tomada de consciência e a aquisição de direitos ao povo trabalhador negro.

O trabalho de educadores e líderes do Quilombo da Barra como Bezinha e Carmo foi de fundamental importância pelo fato de contribuírem na conquista da titulação da terra, bem como pela afirmação do ser negro ou negra quilombola. O trabalho na escola, na organização da comunidade, o samba do Mendengó e toda a força das manifestações culturais populares

são formas e conteúdos que fortalecem a luta dos oprimidos na construção, quiçá, da verdadeira emancipação das formas de exploração e opressão ainda presentes nas sociedades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2016.

CAPINAN, Ubiraneila. **O quilombo que remanesce:** estudo de caso a cerca dos impactos da política pública de certificação e de titulação do território sobre a identidade étnica dos quilombos remanescentes Barra e Bananal em Rio de Contas, Bahia. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2009. 205 f.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MONTESPERELLI, Paolo. **Sociologia de la memoria.** Buenos Aires, Madri: Nueva Viisión,2004.

SILVA SÃO JOSÉ, Géssica Maria; FÉLIX DOS SANTOS, Cláudio Eduardo. Memória, Educação e Luta Pelo Reconhecimento do Território Quilombola de Barra. **Revista Trabalho Necessário**, *[S. l.]*, v. 22, n. 49, p. 01–18, 2024. DOI: 10.22409/tn.v22i49.62532. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/62532. Acesso em: 26 abr. 2026.